RECONFIGURAÇÕES NARRATIVAS NOS LIVROS-REPORTAGEM DE FERNANDO MORAIS

GT16: Estudos sobre Jornalismo

Demétrio de Azeredo Soster[1]
Daiana Carpes[2]
Diana Azeredo[3]
Isadora Trilha[4]
Rodrigo Bartz[5]
Vanessa Costa de Oliveira[6]

Resumo

Este trabalho observa sentidos que emergem dos movimentos realizados em 2013 pelos membros do grupo de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas", cujo recorte de pesquisa são os livros-reportagem do jornalista e escritor brasileiro Fernando Morais. Sistematiza-se e ilustra-se, inicialmente, o percurso transcorrido no primeiro ano de pesquisa, para, em seguida, propor-se novas gramáticas explicativas ao objeto em análise. Conclui-se que o jornalismo

[1] Coordenador do projeto de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas". Professor, coordenador do Curso de Jornalismo e professor-pesquisador do PPG Letras da Unisc. Doutor pela Unisinos. E-mail: dsoster@uol.com.br.
[2] Estudante de Graduação do Curso de Comunicação da Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas". E-mail: daiacarpes@hotmail.com.
[3] Estudante de Graduação do Curso de comunicação da Unisc. Bolsista PUIC do grupo de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas". E-mail: azeredo_diana@yahoo.com.br.
[4] Estudante de Graduação do Curso de comunicação da Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa"Jornalismo e literatura: Narrativas complexificadas". E-mail: isadora.trilha@gmail.com.
[5] Mestrando do PPG Letras da Unisc. Voluntário do grupo de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas" E-mail: rodrigobartzm@hotmail.com.
[6] Estudante de Graduação do Curso de Comunicação da Unisc. Voluntária do grupo de pesquisa "Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas". E-mail: nessa.costa.oliveira@gmail.com

em formato de livro realiza, ao lado dos demais dispositivos que compõem o sistema jornalístico, movimentos de natureza a um passo sistêmica e midiatizada, cuja face mais visível é a emergência da categoria “dialogia” como chave hermenêutica para as transformações em processo. Antecipam-se, dessa forma, os próximos passos da pesquisa, em processo.

Palavras-chave: Jornalismo – jornalismo midiatizado – narrativa – dialogia – sistema

Resumen

Este trabajo observa sentidos que surgen de los movimientos realizados en 2013 por los miembros del grupo de pesquisa “Periodismo y literatura: narrativas complejadas”, cuyo recorte de pesquisa son los libros-reportaje del periodista y escritor brasileño Fernando Morais. Sistematizase e ilustra-se, inicialmente, el recogido en el primer año de pesquisa, para a continuación, proponer nuevas gramáticas explicativas al objeto en análisis. Si concluí que el periodismo en formato de libro integra, al lado de los otros dispositivos que componen el sistema periodístico comunicacional, movimientos de naturaleza a un paso sistémica y mediatizada, cuya cara más visible es el surgimiento de la categoría “dialogia” como llave hermenéutica los cambios en proceso. Adelantase, así, los próximos pasos de pesquisa, en proceso.

Palabras-clave: Periodismo – periodismo mediatizado – narrativa – dialogia - sistema

Abstract

This paper points senses that come up from movements accomplished in 2013 by the members of the research team called "Journalism and literature: complex accounts", whose research cuts are the report books by the Brazilian writer and journalist Fernando Morais. It is first illustrated and condensated, the path taken during the first year of research for, later on, proposing new explainable grammar to the subject analyzed. It is concluded that the journalism shaped in a book integrates, along with other devices that are part of the communicational-journalistic system, movements of a systemic and mediated nature, which most highlighted feature is the emerging of the "dialogy" cathegory, as an interpretation key for the changing in process. In this way, the next steps of the research in progress are antecipated.

Key-words: Journalism - media journalism - narrative - dialogy - system

Sentidos emergentes

O trabalho que aqui se inicia busca compreender os sentidos que emergem a partir dos movimentos realizados ao longo do primeiro ano de pesquisa do grupo “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, ligado, de um lado, ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), enquanto que, de outro, ao departamento de Comunicação Social da referida universidade. Os esforços dos pesquisadores do grupo observaram, em 2013, as metamorfoses, ou complexificações, que se estabelecem sobre a narrativa jornalística em determinados formatos e em ambiências específicas, caso dos livros-reportagem nos dias que se seguem, midiatizados, de profunda imersão tecnológica.

Parte-se do pressuposto, no artigo, de que a emergência desse modelo de narrativa que caracteriza os livros-reportagem – a um tempo jornalística e literária – representa, em sua gênese, movimentos de natureza identitária que são realizados pelos dispositivos do sistema jornalístico (livros, jornais, revistas etc.) e que transformam a própria natureza do jornalismo.

A pesquisa realizada até aqui também verifica a presença, em processo, do fenômeno que denominamos de dialogia, uma das características do jornalismo midiatizado (SOSTER, 2012, 2013), que é marcada por afetações, no plano das narrativas, próprias, a um tempo, da imbricação de dois campos de conhecimento, mas que pode ser reconhecido em sua especificidade ao provocar afetações em um e outro. Falaremos sobre esses movimentos, no que eles têm de jornalísticos, mais adiante.

Por ora, é importante salientar que, para dar conta da problemática proposta, ou seja, compreender os sentidos que emergem desse modelo de narrativa, o grupo de pesquisa elegeu, como recorte, a obra do escritor brasileiro Fernando Morais, jornalista, e a dividiu em dois grandes grupos: os livros-reportagem e as biografias de natureza jornalística. A escolha do autor se deu por sua relevância[7] e abrangência. Quanto aos formatos, livro-reportagem e biografia, porque, além de a) dividirem em partes distintas a obra de Morais, permitindo um melhor ângulo de observação, b) está de acordo com as preocupações do grupo de pesquisa em termos de objeto de análise.

Partiu-se do princípio, à época, de que Fernando Morais, para dar conta de seus livros-reportagem não biográficos, utilizou, em cada um dos textos, uma diversidade considerável de estruturas narrativas, próprias de categorias

[7] Trata-se de um dos principais escritores de não-ficção do Brasil. Mais informações a respeito de Fernando Morais podem ser obtidas em seu site oficial: http://www.fernandomorais.com.br/

jornalísticas distintas. Essa utilização, em parte, explicaria não só a relevância de seu trabalho como a riqueza narrativa do mesmo. Compreender essa diversidade implicaria, sobretudo, admitir a existência de formatos distintos de texto em um mesmo ambiente narrativo.

Dito isso, por livro-reportagem entenderemos o "(...) veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios jornalísticos periódicos" (LIMA, 2009, p. 26). Ou seja, reportagens com mais informações, mais aprofundadas e mais contextualizadas e em formato de livro.

Quanto às biografias de natureza jornalística, Lima (2009) sustenta serem, ao lado do livro-reportagem perfil, "(...) uma variante dessa modalidade (...)", ou seja, um modelo que se estabelece "(...) quando um jornalista centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira (...) normalmente dando mais destaque ao presente" (LIMA, 2009, p.45) de alguém. Elas serão aqui compreendidas como aqueles modelos de narrativa biográfica que se utilizam de critérios e características jornalísticas para se estabelecerem como tal. Ou seja, são biografias, mas de natureza comunicacional; nela, jornalísticas, marcadas textualmente, portanto, por critérios como singularidade, atualidade e universalidade, bem como por indexadores extra-diegéticos, como nome do autor, perfil da obra, etc.

Estamos nos referindo, no primeiro grupo, aos livros-reportagem, de publicações como Transamazônica (Brasiliense, 1970), A Ilha (Alfa-Omega, 1984), Corações sujos (Companhia das Letras, 2011), Cem quilos de ouro (Companhia das Letras 2003) e, finalmente, Os últimos soldados da Guerra Fria (Companhia das Letras, 2011). No segundo, a Olga (Alfa-Omega, 1986), Chatô (Cia das Letras, 1995) e O Mago (Planeta do Brasil, 2008), por exemplo. Não abordaremos, neste momento,

as biografias de natureza jornalística de Fernando Morais; faremos isso à medida que a pesquisa evoluir.

Concentraremos nossa atenção no que têm a nos dizer os livros-reportagem de Fernando Morais, o que requer, uma vez mais, olhar sobre as opções metodológicas adotadas.

Sobre a metodologia de abordagem

Como dissemos, ainda no início de 2013 foi decidido, em termos de abordagem metodológica, que analisaríamos os livros-reportagem com base em sua constituição genética, ou seja, a partir da identificação das categorias e gêneros utilizados em cada livro. Buscava-se saber, à época, a partir da percepção de que estava crescendo a oferta de livros-reportagem e biografias de natureza jornalística, quais as categorias e gêneros discursivos que emergiam nesse cenário. A hipótese norteadora é que essas representavam, mais que estruturas fixas desse e daquele formato, o papel de indexadores de níveis mais profundos de significação.

Para que isso fosse possível, desenvolvemos uma tabela que nos permitiria, de um lado, isolar a incidência da categoria analítica (informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, na categorização de José Marques de Melo (2010)), enquanto que, de outro, informações como a incidência de gêneros da categoria e excertos dos trechos analisados. Visualmente, a tabela foi disposta da seguinte forma:

Tabela 1 – Modelo de análise

Categoria	Incidência	Gênero	Excerto
Informativo			
Opinativo			
Interpretativo			
Diversional			
Utilitário			

Fonte: elaboração dos autores

Por esse modelo, a incidência de determinada categoria, nomeada na primeira coluna, seria indicada com um "X" na segunda. Na terceira, o gênero/formato seria mencionado com o objetivo de melhor caracterizar a espécie de texto. O excerto deveria ser transcrito na quarta coluna. Quanto à quantidade de trechos selecionados, convencionou-se que variaria a cada análise, sem prejuízo à exemplificação. De forma muito sucinta, e a título de registro, transcreveremos abaixo alguns dos resultados encontrados por meio da aplicação da tabela, e já discutidos em outros momentos[8].

A análise do texto de Fernando Morais "Primeira aventura na estrada", trecho de abertura da obra "Transamazônica" (1970), foi realizada a partir da aplicação da tabela em cada um dos 11 capítulos do texto. O indexador utilizado foram os indicativos de quilometragem existentes no alto de cada página de abertura dos capítulos, que fazem alusão aos quilômetros rodados pela equipe na estrada (KM

[8] Levamos os resultados da pesquisa para o Seminário de Grupos de Pesquisa da Unisc, cadastrados no CNPq (julho de 2013); Etapa nacional do 36º congresso promovido pela Intercom, realizado na Universidade Federal do Amazonas (Ufam) (setembro de 2013); VI Colóquio Nacional Leitura e Cognição, VI Conferência Linguística e Cognição e XIV Semana Acadêmica de Letras (setembro de 2013), na Unisc; IV Salão de Ensino e de Extensão e o XIX Seminário de Iniciação Científica (SEE-SIC), promovido pela Unisc (outubro de 2013), e, finalmente, na terceira edição do Seminário Interinstitucional de Pesquisa (III SIP), promovido pelo Programa de Pós Graduação Mestrado em Letras (novembro de 2013).

10, KM 500, KM 1879 etc.). Ao longo de todos os 11 capítulos, encontramos a incidência das categorias informativa, opinativa, interpretativa e diversional, menos utilitária.

A título de ilustração, o perfil, como gênero da categoria interpretativo, foi encontrado em todos os capítulos na análise, enquanto que, na categoria diversional, os textos dividiram-se em histórias de interesse humano e histórias coloridas. Isso se observa, por exemplo, à página dez do quilômetro 500 da estrada.

> Chega ao bar um vaqueiro jovem, montado num cavalo muito magro. Desce e começa a contar seus problemas: passou o dia inteiro tentando vender seu cavalo por 130 cruzeiros.
> Com esse dinheiro, pretendia pagar 100 ao patrão e gastar o resto na viagem com a família: mulher e sete filhos. Chico dos Santos, o vaqueiro, não sabe para onde ir, mas sabe que qualquer lugar será melhor que Farias Brito. Das dez quartas de arroz que colheu (cada quarta são 42 quilos), pagou cinco ao patrão, que é o dono da terra e tem sempre direito à metade de tudo o que for produzido nela. (MORAIS, 1970, p. 10).

No caso de “A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (Alfa-Omega, 1984), optamos pelo agrupamento dos capítulos em dois blocos – um a seis e sete a 11 – para a aplicação da tabela. O indexador utilizado foi o título de cada capítulo.

No primeiro bloco, comparando-se com a obra anteriormente analisada, dois pontos merecem particular atenção. O primeiro diz respeito à diversidade de

categorias encontradas na amostra: trata-se da mesma. No que toca aos gêneros que compõem essas categorias, há uma maior variedade, no entanto, na categoria interpretativo, como, por exemplo, ocorre na página 43: existe, lá, uma tabela com a quantidade e valor a ser pago pelos produtos convertido em cruzeiros. Um pouco antes, na página 42, há um exemplo de perfil, ou seja, relato biográfico sintético, identificando os agentes noticiosos:

> Juan Martinez Tinguao, amigo pessoal de Fidel, a quem ajudou a editar um jornalzinho clandestino antes da revolução, é hoje funcionário do Instituto Nacional da Indústria Turística. Fuma de dez a quinze charutos "Cazadores" por dia. (MORAIS, 1984, p. 42)

A análise do texto "Corações Sujos" (Companhia das Letras, 2011) teve como indexador igualmente os capítulos da referida obra, onde encontramos as categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Na categoria informativo, por exemplo, temos o gênero entrevista. No excerto destacado, a entrevista permite que outros agentes da narrativa tenham também voz, como o Deputado Miguel Couto ao referir-se à lei de restrição da entrada de japoneses no Brasil: "Miguel Couto respondeu com uma declaração teatral: 'Se a emenda não for aprovada, só me resta ensinar japonês aos meus netos, porque a qualquer momento o Brasil será presa do Japão'" (MORAIS, 2011, p. 32).

Para analisar os "Os últimos soldados da Guerra Fria" (Companhia das Letras, 2011), preenchemos 15 tabelas, uma para cada um dos 15 capítulos da obra. Constatamos, novamente, a presença, em cada um dos capítulos – sem exceção –, de características que remeteram ao jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário.

Encontramos, por exemplo, trechos com características do gênero entrevista - informativo, particularmente, onde Morais (2011) reproduz, entre aspas[9], declarações de indivíduos – testemunhas, personagens – entrevistados por ele. Já no âmbito do jornalismo opinativo predominou, hegemônico, o gênero comentário. Observamos a emergência deste gênero em momentos cujo Morais (2011) deixou transparecer sua opinião sobre determinados fatos, personagens ou instituições presentes na narrativa, como mostra o excerto abaixo, retirado do capítulo três:

> […] Quando publicou uma série de entrevistas com o arqui-inimigo da Revolução Cubana Luis Posada Carriles, nas quais ele fazia escandalosas revelações sobre as relações das organizações anticastristas com o terrorismo, o jornalista Larry Rohter […] sentiu de perto o **bafo mafioso** do anticastrismo. (MORAIS, 2011, p. 85. Grifo nosso).

No caso de "Cem quilos de ouro: e outras histórias" (Companhia das Letras, 2003), utilizamos como método a análise individual de cada um dos 12 capítulos do livro. Em todos eles, observamos a existência das categorias informativo, opinativo, interpretativo, diversional e, no capítulo de uma reportagem veiculada, inicialmente, em revista, também identificamos utilitário. Destacamos a presença constante dos gêneros história de interesse humano e história colorida.

Não nos aprofundaremos sobremaneira na ilustração do que encontramos, haja vista que esse caminho, como dissemos, já se encontra percorrido; vamos focar nossa atenção, sobretudo, no que os excertos nos permitem observar desde agora. Nesse sentido, aplicada a tabela e realizadas as necessárias tabulações,

[9] O uso das aspas também demonstrou uma curiosa preocupação semântica do autor em termos de diferenciar declarações de entrevistados de reproduções de diálogos entre personagens. Enquanto nos excertos de falas de entrevistados Morais (2011) usa aspas, nos diálogos entre personagens ele emprega travessões.

chega-se a pelo menos duas conclusões importantes, que passam a nortear a pesquisa daqui para frente e que requerem uma melhor delimitação conceitual. A primeira delas, e mais evidente, diz respeito ao que foi encontrado em cada livro analisado.

Se, por exemplo, nem todos os gêneros da categoria diversional – "história colorida" e "história de interesse humano" – foram encontrados em todas as observações, atente-se que o diversional esteve presente em todos os livros, a exemplo das demais categorias de análise e suas variações: interpretativo, opinativo e informativo. A única exceção foi a categoria utilitário, identificada apenas em uma das obras. O raro aparecimento dessa encontra razão de ser à medida que é mais afeita, do ponto de vista discursivo, a veículos com periodicidade regular, caso dos jornais e revistas (para ficarmos nos impressos), que os textos em formato de livro, que prescindem da periodicidade para se estabelecer como tal.

Conclui-se, preliminarmente, com isso, que não é possível compartimentalizar livros-reportagens como os de Fernando Morais em termos de categoria ou gênero, haja vista a complexidade de sua estrutura narrativa, sob o risco de reduzir a amplitude da obra. No entanto, constata-se, a partir dos excertos, que as categorias e os gêneros estão lá, ajudando a dar forma à tessitura do texto, permitindo a emergência de sentidos os mais diversos.

Compreender essa lógica implica, de um lado, a) assumir a existência de distintas camadas de significação, enquanto que, de outro b) perceber que essas camadas não são antagônicas ao que está posto em termos de superfície (as categorias e os gêneros), nem pretendem esconder o que quer que seja: são, antes, níveis narrativos. Exigem, portanto gramáticas interpretativas específicas.

Entre dois mundos

Compreender o que essa arquitetura textual significa implica, uma vez mais, em fazer opções epistemológicas. A narratologia, como "área de reflexão teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa", que procura, pois, "(...) descrever de forma sistemática os códigos que estruturam a narrativa, os signos que esses códigos compreendem (...)", (REIS, LOPES, 1988), é, em termos estratégicos, quem sabe, uma opção interessante, tendo em conta que, para além da indexação realizada pelas categorias e gêneros, permite-nos observar a estrutura com que são formados os referidos relatos. Ou seja, permite que vejamos melhor o conjunto da obra, à revelia de sua natureza. Isso porque:

> (...) a narrativa não se concretiza apenas no plano da realização estética própria dos textos narrativos literários; ao contrário, por exemplo, do que ocorre com a lírica, a narrativa desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais (narrativa de imprensa, historiografia, relatórios, anedotas etc.), do mesmo modo que se resolve em suportes expressivos diversos, do verbal ao icônico, passando por modalidades mistas verboicônicas (história em quadrinhos, cinema, narrativa literária, etc.). (REIS, LOPES, 1988, p. 66)

Nesse sentido, dialogando com o excerto de Transamazônica, no início dessa reflexão, observamos que o mesmo é, a um tempo, um relato da a) categoria diversional formado, estruturalmente, entre outros, pela presença de um b) sujeito chamado "Chico dos Santos, vaqueiro", e que o sentido do mesmo emerge da conjunção de a + b, em uma perspectiva complementar, o que exige gramáticas específicas de compreensão. Nesse contexto, por exemplo, a fonte jornalística

sofre uma alteração substancial em seu estatuto, ao se posicionar, na narrativa, como personagem. Compreender o que isso significa implica, como dissemos, novas gramáticas interpretativas, a começar, como sugere Kássia Nobre (2013), pela compreensão de que, nesse modelo de narrativa, o jornalista assume o papel de narrador.

> (...) o jornalista que se comporta como narrador literário ou de romance não deixa de ser um narrador midiático porque se utiliza da experiência do outro para construir sua narrativa, mas se torna menos impessoal e distante da coisa narrada e passa a narrar sobre os fatos, e não apenas informá-los. Para isso, busca novos formatos que ultrapassam o jornalismo informativo, como, por exemplo, investindo o foco da narrativa nas pessoas por meio de marcas textuais literárias, como a caracterização física, moral e psicológica descritas e a preferência por fontes anônimas em detrimento das fontes preferenciais. (NOBRE, 2013, p 36-37)

E o que isso significa? Ainda nas palavras de Nobre (2013), que é preciso observar como se estabelece a interação entre o jornalismo e a literatura, bem como as apropriações que o discurso jornalístico vai fazer para compor suas narrativas nesse cenário, caso queiramos compreendê-lo. “Ou, em outras palavras, observar como os textos jornalísticos utilizam recursos provenientes da literatura para compor suas reportagens, gerando, nesta produção textual, uma condição nova à fonte, que, assim, apresentará características das personagens da ficção” (NOBRE, 2013, p.37). Nesse sentido, “Chico dos Santos, vaqueiro”, mais que uma fonte jornalística, é um personagem na narrativa. Como tal, é utilizado pelo narrador como elemento de estruturação do texto.

Se mudarmos o foco da análise do personagem-fonte para uma categoria mais ampla, caso do narrador, e, ainda no espectro dos estudos da narrativa, e formos buscar ajuda em Luiz Gonzaga Motta (2013), em seu livro mais recente – Análise crítica da narrativa –, uma interessante possibilidade se apresenta.

Motta propõe, com base em Genette (1988), e sem pretensões totalizantes, que se compreenda as opções do narrador, aqui visto como "sujeito enunciador da voz narrativa" (MOTTA, 2013, p. 216), a partir de um esquema gráfico que hierarquiza os níveis de poder (narrativo) envolvidos na narração jornalística. Por esse viés, devemos considerar, na estrutura narrativa, a presença de pelo menos três narradores:

1. PRIMEIRO NARRADOR. Extradiegético. Fora da história. É o veículo e a organização por trás dele. Opera preliminarmente para atrair a audiência, "vender" o conteúdo.
2. SEGUNDO NARRADOR. Intradiegético, ou seja, de dentro da história. É o jornalista, o sujeito que narra a história. Sua função é tecer o fio da história, de acordo com sua interpretação dos papéis e da posição dos personagens em conflito.
3. TERCEIRO NARRADOR. Igualmente intradiegédito. São as personagens, ou fonte-personagens.

Do ponto de vista da hierarquia discursiva, o poder se estabelece a partir do primeiro narrador em direção ao terceiro, ou seja, na seguinte forma:

PRIMEIRO NARRADOR > SEGUNDO NARRADOR > TERCEIRO NARRADOR

Aqui é preciso observar que o modelo de Motta (2013) não considera, ao menos explicitamente, o dispositivo livro em sua análise – "(...) é o veículo (jornal, revista,

telejornal, portal) que enuncia as manchetes, títulos, chapéus, chamadas, escaladas (...)" (2013, p. 227). Ocorre que a categoria periodicidade não se aplica usualmente aos livros-reportagem, à medida que o que determina a quantidade de edições é a procura pela mesma e a disponibilidade de se imprimir uma segunda ou terceira, o que acaba por fragilizar o papel do primeiro narrador, a se considerar a perspectiva de Motta (2013).

Com base nisso, podemos pensar, quem sabe, em uma reconfiguração da hierarquia de poder a partir da aplicação do modelo de Motta (2013) nos livros-reportagem:

PRIMEIRO NARRADOR < SEGUNDO NARRADOR > TERCEIRO NARRADOR

Com isso, o segundo narrador, ou seja, o jornalista – em nosso caso, Fernando Morais – passa a determinar, ou pelo menos influenciar decisivamente, tanto o primeiro narrador (livro) como o terceiro (personagem). No primeiro caso, por meio da escolha da editora, dos elementos de oferta de sentido na capa, do formato físico do livro, do número de páginas, etc. Isso não ocorre, a título de comparação, com os jornais impressos: nesse caso, o primeiro narrador é quem determina o que faz o segundo narrador, com variações de intensidade que não discutiremos aqui para não fugir ao foco na argumentação. Quanto mais "forte" o segundo narrador, mais poder terá sobre o primeiro.

A complexidade de nossa análise aumenta se, ao esquema anterior, inserirmos um outro narrador, que chamaremos aqui, seminalmente, de "narrador maior", representado pelo sistema-midiático comunicacional. Esse "narrador maior" só pode ser concebido como tal se considerarmos todos os dispositivos jornalísticos não apenas em sua especificidade operacional unitária (o jornal, a televisão, o

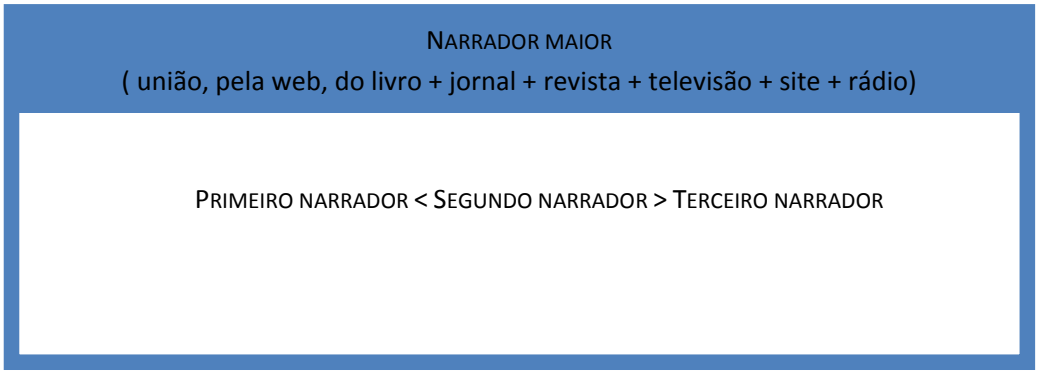
rádio, o site, o livro etc.), mas pelo que representam em termos de sistema, que aqui chamamos de jornalístico.

O sistema jornalístico toma forma, quando, por meio dos nós e conexões da internet, principalmente, permite que seus dispositivos dialoguem entre si com mais intensidade e mais sistematicamente (SOSTER, 2009-a). Sistema será utilizado aqui na perspectiva de Niklas Luhmann (2009), a exemplo do que fizemos em outros momentos (SOSTER, 2009, 2009-a, 2009-b, 2011, 2012 e 2013).

Mesmo que os livros-reportagem não tenham a mesma lógica organizacional dos jornais e revistas, para ficarmos nos impressos, por meio da oferta e recepção constantes de sentidos, há de se observar que o segundo narrador, ou seja, o jornalista, e mesmo o primeiro narrador, a editora/livro, estão conectados, e dialogam, assim, com fluxos constantes de informações que se estabelece por meio da web.

Graficamente podemos conceber a nova perspectiva da seguinte forma:

Gráfico 2: narradores



Fonte: elaboração dos autores

Observe-se que a área em azul não apenas circunscreve onde se estabelecem os jogos de poder entre os narradores primeiro, segundo e terceiro, como, também, insere essa “disputa” em uma perspectiva maior, sistêmica, que acaba por afetar – ou, se preferirmos, – influenciar na própria forma do que é dito pelas vozes narrativas subsequentes.

Dialogia e midiatização do jornalismo

Se estamos pensando em termos sistêmicos, podemos imaginar que o sistema jornalístico, por meio do acoplamento estrutural, dialoga com outros sistemas em suas operações, causando afetações as mais diversas em um e outro. Chamamos esses movimentos de dialogia (SOSTER, 2012, 2013), ou seja, a capacidade que um sistema tem de dialogar com outro sistema em um determinado ambiente, afetando e sendo afetado nessa operação; sobretudo, provocando reconfigurações em ambos.

> Trata-se, a dialogia, do movimento que se verifica junto aos campos do conhecimento em uma perspectiva de sociedade midiatizada. Por este viés, os campos vão buscar em outras áreas do conhecimento os elementos que irão garanti-los enquanto campo. Mais que uma hibridização, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que complexifica lugares. (SOSTER, 2013, on-line)

Assinale-se que, ao mencionar a dialogia, inserimos na reflexão a teoria da midiatização, haja vista que a primeira é característica do jornalismo midiatizado, que só pode ser pensado em um contexto sistêmico. Fausto Neto (2008) lembra que a midiatização da sociedade tem lugar quando os dispositivos deixam de lado o estatuto de “meio” e realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do

registro do simbólico, reconfigurando, nas palavras de Gomes (2006), toda uma ecologia comunicacional.

> A midiatização se estabelece com mais visibilidade na sociedade a partir do momento em que esta se vê estruturada em um contexto altamente tecnologizado e passa a dialogar em rede[1], estabelecendo matizes simbióticas à interação homem-máquina e suas complexificações. Ou seja, no período evolutivo em que as máquinas, por meio de suas operações, e estando interconectadas, deixam de ser um suporte à atividade humana e se estabelecem relacionalmente com esta em termos de processualidade (...). (SOSTER, 2009-a)

Se essa simbiose de natureza sócio-técnico-discursiva se verifica na sociedade, e tem como vetor, entre outros, os dispositivos jornalísticos, podemos pensar que seus agentes também são afetados nessa processualidade, midiatizando-se. E é por isso que chamamos de "midiatizado" o jornalismo que é afetado pela midiatização, midiatizando-se, reconfigurando-se, complexificando-se. Resumidamente, e para além da dialogia, as demais características do jornalismo midiatizado são (SOSTER, 2013):

1. **Autorreferência.** A autorreferência se estabelece quando os dispositivos fazem referência a si próprios ou às suas próprias operações em seus relatos. O fenômeno, verificável no âmbito do texto – escrito, imagético ou em áudio – se estabelece, de um lado, por meio de marcas, ou, ainda, pelo relato dos movimentos realizados pelos agentes. No caso dos impressos, elas são identificáveis, em termos de marcas, usualmente por palavras grafadas em bold, italic etc. No que tange à referência às operações do dispositivo, como dissemos,

pela descrição das mesmas, o que ocorre quando os editoriais, quando, mais que assinados, explicam como as matérias foram elaboradas. Estabelece-se, dessa maneira, novas ofertas de sentido.

2. **Correferência**. Verifica-se quando as operações textuais dos dispositivos fazem referência a outros dispositivos em seus enunciados, por meio do acoplamento estrutural, caracterizando, dessa forma, o fechamento operacional do sistema jornalístico. O que provoca esse diálogo é a informação, quando provoca irritação. É quando, a título de exemplo, um jornal se refere a uma notícia que foi publicada em um outro jornal; o jornal fazendo referência ao conteúdo do rádio, e assim sucessivamente. Importante observar que a correferência é tão antiga quanto o jornalismo, à medida que os jornais e as revistas impressas, desde pelo menos o século 17, referem-se a conteúdo de outras publicações ou mesmo de agências de notícias. O que muda, nesse cenário, é a potência com que se estabelece.

3. **Descentralização.** Diferentemente da auto e da correferência, percebemos a descentralização no lugar institucional que ocupam os dispositivos em suas operações. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando observamos que a primazia da oferta de sentidos já não é hegemônica, e que se verifica, também, e com a mesma lógica, a partir daqueles dispositivos que antes estavam relegados à margem do sistema midiático-comunicacional, caso dos blogs e páginas de redes sociais. Pensar a descentralização implica admitir que a forma do sistema é, antes, rizomática que axiomática, e que isso se deve, em muito, às características operacionais da internet, que amalgama o sistema jornalístico, antes complexa que linear.

4. **Atorização.** Metamorfose que se estabelece no interior do dispositivo, e por meio da qual os agentes, nesse caso, os jornalistas, passam a realizar novas ofertas de sentido a partir de sua percepção particular dos acontecimentos.

Transforma-se, com isso, tanto o papel do agente como do acontecimento. Os primeiros, tornam-se antes atores que mediadores. Já a noção de acontecimento passa a operar a partir de novos critérios de noticiabilidade, focados antes na oferta de sentidos que emerge dos agentes que em perspectivas referenciais externas aos dispositivos.

Mas é particularmente pelo viés da dialogia, ou seja, pela imbricação entre dois campos do conhecimento em uma perspectiva midiatizada, que encontramos sentido na emergência de determinados gêneros discursivos do jornalismo, caso do diversional e interpretativo, em cujas bases se assentam os relatos dos livros-reportagem, como demonstrou nossa pesquisa em seu princípio. Também é a dialogia que nos permite pensar em termos narrativos, seja pelo viés da estrutura do texto, dos jogos de poder de seus narradores, ou, ainda, pelo que os sentidos que emergem desses representam em seu conjunto, à revelia de quem influencia quem: poderosos elementos de constituição identitária do dispositivo livro-reportagem.

Isso como maneira de fortalecer sua autonomia frente aos demais dispositivos e ao sistema em que se insere como um todo, fundamentalmente para ser reconhecido como tal e viabilizar suas próprias operações (SOSTER, 2009).

Considerações interpretativas

Mais que relatar o estado da arte dos trabalhos realizados desde 2013 pelo grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, ainda que também o faça, o trabalho que aqui se encerra buscou sistematizar os movimentos por meio dos quais sentidos são gerados em uma perspectiva de jornalismo midiatizado e compreendê-los em uma perspectiva mais larga.

Foi necessário, para isso, considerar que as categorias, os gêneros e as estruturas existentes em determinados modelos de narrativas, caso dos livros-reportagem, eram camadas superpostas de significação, e que compreendê-las implica observar, também, os jogos de poder existentes entre os narradores envolvidos nos mais diversos processos de enunciação por meio de suas vozes narrativas.

Isso tudo como lastro para o desafio que já se encontra em processo nesse momento: analisar o que emerge da disputa entre as vozes narrativas nas biografias de caráter jornalístico de Fernando Morais, próxima etapa da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fausto Neto, A. (2008). *Mudanças da medusa?* A enunciação midiatizada e sua incompletude. In: Fausto Neto, A., Ferreira, J., Braga, J. L., Gomes, P. *Midiatização e processos sociais na América Latina.* São Paulo: Paulus.

Genette, G. (1998). *Nuevo discurso del relato.* Madrid: Cátedram.

Gomes, P. G. (2006). *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade***.** São Leopoldo: Unisinos.

Luhmann, N. (2009). *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes.

Melo, J. M. de M., & Assis, F. de. (2010). *Gêneros jornalísticos no Brasil***.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

Morais, F. (2012). *Corações sujos:* a história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras.

Morais, F. (2011). *Os últimos soldados da guerra fria:* a história dos agentes infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita nos Estados Unidos. São Paulo: Companhia das Letras.

Morais, F. (2008). *O Mago.* Planeta do Brasil: São Paulo.

Morais, F. (2003). *Cem quilos de ouro (e outras histórias de um repórter).* São Paulo: Companhia das Letras.

Morais, F. (1995). *Chatô:* o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

Morais, F. (1986). *Olga.* 8. Ed. Alfa-Omega: São Paulo.

Morais, F. (1984). *A Ilha:* um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. São Paulo: Alfa-Omega,

Morais, F. (1970). *Transamazônica.* São Paulo: Brasiliense.

Motta, L. G. (2013). *Análise crítica da narrativa.* Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Reis, C., Lopes, A. C. M. (1988). *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática.

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas:* o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole.

Santos, K. N. *Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem "A vida que ninguém vê", de Eliane Brum*. Acesso em: fevereiro de 2014. Disponível em: [http://btd.unisc.br/Dissertacoes/KassiaSantos.pdf]

Soster, D. de A., et al. (2013). *O que dizem os gêneros nas narrativas jornalísticas não-biográficas de Fernando Morais.* In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus, AM. *Anais*.

Soster, D. de A. (2012). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Soster, D. de A. (2011). A midiatização das narrativas na seção Diário da Revista Piauí. In: *Anais Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo*, 9. Rio de Janeiro.

Soster, D. de A. (2009). Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: Anais Encontro Nacional Dos Pesquisadores De Jornalismo, 7, São Paulo.

Soster, D. de A. (2009a). *O jornalismo em novos territórios conceituais:* internet, midiatização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. São Leopoldo, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos,

Soster, D. de A. (2009b). Modelo para análise do jornalismo midiatizado. In: Soster, D. de A. *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.